

CARACTERIZAÇÃO DAS FORMAS BRASILEIRAS DO GÊNERO *SICALIS* (PASSERIFORMES, EMBERIZIDAE)

Atualidades Ornitológicas, 1999, Ivaiporã, PR, n. 90, p. 6-8.

Luís Fábio Silveira e Andrés Calonge Méndez

A antiga tradição de se criar animais de estimação no Brasil, um hábito que já existia entre os seus primeiros habitantes, teve um grande impulso quando os colonizadores começaram a aprisionar, além das aves tradicionalmente usadas pelos indígenas, pássaros que também atraíam a atenção pela qualidade do seu canto. Logo o canário-da-terra, *Sicalis flaveola* (cujo nome indígena - **Guiranheemgatu** significa "pássaro de canto bom" - P. Flecha, inf. pess.) tornou-se um dos pássaros de gaiola mais apreciados no Brasil, juntamente com os papacapins, *Sporophila* spp., pássaros-pretos e outros icterídeos, *Gnorimopsar* e *Icterus* spp., respectivamente, e mais tarde, curiós e bicudos, *Oryzoborus angolensis* e *O. maximiliani*.

Com o crescente interesse dos criadores em procurar reproduzir as espécies brasileiras em cativeiro, uma atividade que antigamente era vista com ares de romantismo e abnegação de alguns poucos proprietários (já que o comércio ilegal rapidamente repunha as perdas ocorridas nos cativeiros) mas hoje tendendo a se tornar uma atividade economicamente viável, com inegáveis benefícios para as populações selvagens (já que a repressão ao comércio clandestino aumentou e não é tão fácil obter mais matrizes), torna-se necessário algumas orientações para que os criadores realmente comprometidos com a conservação tenham uma maior certeza do caminho que estão percorrendo.

Como grande parte das matrizes de aves silvestres em cativeiro no Brasil é proveniente do comércio ilegal de animais silvestres e não tem nenhuma indicação de procedência (a não ser que se confie no palpite do comerciante), o reconhecimento da variação existente dentro das espécies se torna um problema de difícil resolução para os criadores, que muitas vezes não contam com profissionais preparados para identificar as aves ou que, por desinteresse ou desinformação, não procuram literatura ou ajuda especializada. A possibilidade de se obterem híbridos é grande e obviamente pernicioso para os efeitos de conservação e reintrodução (este último um tema até hoje tratado de maneira leviana e pouco técnica no Brasil), presentes em muitos dos projetos que são enviados para a análise dos técnicos do IBAMA, órgão responsável pela aprovação e controle das atividades que envolvem a criação em cativeiro (tanto nos moldes científicos, conservacionistas ou comerciais) em nosso país. Os híbridos, além de não apresentarem as características típicas da espécie (ou forma) envolvida, também não se prestam para efeitos a longo prazo, como para a conservação de determinadas populações.

Os criadores sérios, e não aqueles travestidos de preservacionistas e que, por trás de uma boa imagem, alimentam o comércio clandestino de aves silvestres devem se comprometer a incrementar técnicas de manejo e reprodução em cativeiro para que a "espinha dorsal" desta atividade seja quebrada e com isso ajudarem em duas mãos — não incentivando o comércio ilegal e promovendo a conservação em cativeiro das espécies envolvidas. É importante ressaltar que hoje o canário-da-terra (*Sicalis flaveola*) é uma das espécies brasileiras que mais se reproduz em cativeiro, sendo, na Sociedade Ornitológica Bandeirante (SOB, SP), a espécie de pássaro mais registrada (P. Flecha, com. pess.), o que atesta a popularidade e o potencial desta espécie para fins de criação comercial, dentro dos moldes legalmente estabelecidos pelo IBAMA.

A nossa intenção nessa breve compilação é tão somente tentar fornecer uma ferramenta para os criadores e ornitólogos que se interessem pelo reconhecimento das espécies e das variações geográficas encontradas e descritas cientificamente para o gênero *Sicalis* que comprovadamente ocorrem no Brasil. Este trabalho não é uma revisão taxonômica nem está discutindo conceitos de espécie ou de variações geográficas, bem como a validade ou não destas variações; apenas fornece a descrição e a distribuição geográfica correntemente citadas na literatura para um melhor entendimento por parte dos criadores interessados. Para tal usamos como base as obras de Pinto, 1944; Hellmayr, 1927; Ridgely & Tudor, 1989 e Sick, 1997 para a distribuição e alguns caracteres diagnósticos e a coleção seriada do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) para a descrição dos táxons envolvidos. Os desenhos foram realizados com base em exemplares depositados na coleção do MZUSP, todos seguidos de seu respectivo número, procedência e sexo. Não pretendemos aqui discutir também possíveis variantes nos exemplares que ora possam ser vistos em cativeiro, já que muitos deles carecem de procedência exata ou podem mesmo ser híbridos, o que faz com que uma análise mais rigorosa se torne difícil.

TAXONOMIA

As relações de parentesco e mesmo a delimitação de alguns grupos de aves são incertas (ordem, família, gênero). Diversos autores propõem classificações diferentes e muitas vezes excludentes.

No entanto, é consenso entre os ornitólogos o fato dos Passeriformes (passarinhos) constituírem um grupo natural (monofilético), corroborado, entre outros caracteres, por características da siringe — órgão responsável pela vocalização das aves. Eles são divididos em duas subordens: Suboscines (arapaçus, João-de-Barro, papa-formigas, cotingas, tangarás, papa-moscas e outros) e Oscines.

Os representantes da subordem Oscines — na qual está incluído o gênero *Sicalis*, também denominados de pássaros canoros — apresentam a siringe mais complexa do que a dos outros Passeriformes,

o que lhes confere uma maior capacidade e habilidade na vocalização. Conseqüentemente constituem o grupo preferido pelos criadores, incluindo sabiás, pássaros-pretos, curiós e o canário-belga (gênero *Serinus*), entre outros.

Os canários da terra (*Sicalis*) são encontrados em praticamente toda a América do Sul, com *Sicalis luteola* ocorrendo na América central. *Sicalis flaveola* foi introduzido no Havaí, Panamá, Porto Rico e Jamaica (Ridgely & Tudor, 1989).

São passarinhos de formações abertas, forrageando no solo ou próximo dele, podendo formar bandos numerosos. São aves predominantemente amarelas no ventre, com o dorso em tons de oliva. A maioria das espécies possuem marcado dimorfismo sexual, e todas têm tamanho reduzido, variando entre 11 e 15 cm (Ridgely & Tudor, *op. cit.*).

Não existe consenso entre os sistematas em qual família devem ser alocados os representantes do gênero *Sicalis*. Autores modernos como Howard e Moore (1994) e Ridgely e Tudor (1989) os colocam na família Emberizidae, dentro da subfamília Emberizinae. No entanto, Sibley e Monroe (1990) os colocam na família Fringillidae, dentro da subfamília Emberizinae e tribo Thraupini.

O número de espécies alocadas no gênero também varia conforme o autor. Ridgely e Tudor (1989) lista 13 espécies para o gênero, enquanto que Howard e Moore (1994) lista 12 e Meyer de Schauensee (1970) cita 11 espécies. Estas divergências se devem a alguns autores aceitarem o status de espécie para algumas formas, enquanto que outros as consideram como subespécies.

No Brasil ocorrem 4 espécies (*Sicalis citrina*, *S. columbiana*, *S. flaveola* e *S. luteola*) e 10 formas — ou subespécies (Sick, 1997; Ridgely & Tudor, 1989; Hellmayr, 1927; Pinto, 1944). Algumas destas formas possuem distribuição ampla e outras apresentam populações disjuntas, o que torna importante uma identificação correta para embasar futuras discussões sobre a validade das espécies e subespécies que ocorrem no Brasil.

Citamos somente os estados brasileiros onde as espécies ocorrem, em habitats adequados. A ocorrência em outros países é apenas anotada, sem maiores detalhes. Os nomes populares foram compilados por Paulo Flecha, sendo os mais usados pelos criadores destas aves.

Sicalis citrina citrina - canário-da-horta, canário rasteiro (Fig. 1)

Espécie pequena (12 cm), machos com o alto da cabeça amarelo-limão, dorso oliva com estrias; o peito é amarelado, porém de coloração mais escura que a do ventre, que é amarelo-brilhante. Cauda marrom-escuro, com a borda externa das penas amarela. Os dois terços finais

das penas laterais da cauda são brancos. As asas são marrom-escuro, com a borda das penas amarela. Fêmea similar ao macho, porém mais escura e estriada tanto no dorso quanto no peito; o ventre é amarelado e as barras na cauda são menores que nos machos.

Distribuição: Mato Grosso, Pará, Piauí, Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná; Argentina.

Sicalis citrina browni

Extremamente semelhante à *S. c. citrina*, porém menor (medidas da asa: 63-67 mm contra 66-70 mm - Hellmayr, 1927).

Distribuição: Suriname, Guiana Inglesa, Venezuela, Colômbia. Brasil: Roraima.

Sicalis columbiana goeldii - canário-do-amazonas (Fig. 2)

Parecido com *Sicalis flaveola*, sendo menor (11cm). Machos de coloração alaranjada no alto da cabeça ultrapassando a região da órbita. Dorso oliva sem estrias. Peito tendendo para um alaranjado mais forte, com o ventre amarelo brilhante. Asa marrom escura com a borda lateral das penas da asa amarela. Cauda oliva, com as bordas das penas amarelas. Fêmeas com estrias muito discretas no dorso. O ventre é esbranquiçado, sem estrias. Crisso (coberteiras inferiores da cauda) amarelado.

Distribuição: Amazonas e Pará, também ocorre no Peru.

Sicalis columbiana leopoldinae - canário-do-urucuia, canário-xuré (Fig. 3)

Mancha laranja no alto da cabeça dos machos menor que em *S. c. goeldi*. Dorso oliva, sem estrias, mais escuro que em *S. c. goeldi*. Peito mais escuro que a forma anterior. Ventre amarelo citrino. Fêmeas com o dorso cinza e poucas estrias. Ventre acinzentado. Crisso esbranquiçado. Na região peitoral existem algumas estrias que se destacam, separando a garganta do ventre.

Distribuição: Maranhão, Piauí, Goiás, Mato Grosso, Bahia.

Nota: Embora Sick (1997) cite inespecificadamente o vale do rio São Francisco, não é citada nenhuma localidade no estado de Minas Gerais. No entanto, os exemplares de *S. f. leopoldinae* que chegavam ao comércio eram tidos como procedentes do Rio Urucuia, em Minas Gerais (Ênio e Paulo Flecha, inf. pess.). A ocorrência desta forma em

Minas Gerais deve ser publicada e melhor documentada através de gravações ou espécimes coletados e depositados em coleções científicas.

Sicalis flaveola brasiliensis - canário-da-terra, cabeçinha-de-fogo, canário-chapinha (Fig. 4)

Machos com o alto da cabeça alaranjado brilhante, ultrapassando a região da órbita: Dorso oliva, com poucas estrias. Ventre amarelo brilhante. Asa marrom escura, com a borda externa das penas amarela. Cauda marrom escura, com as bordas das penas amarelas. Fêmeas e jovens com finas estrias na cabeça e no dorso, o crisso é amarelado. Um distinto colar amarelo estriado no peito, dividindo a garganta e o ventre, que são esbranquiçados. As fêmeas mais velhas tendem a ter o peito e o ventre mais amarelados, podendo lembrar a plumagem de machos.

Distribuição: Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo.

Sicalis flaveola pelzeni - canário-do-mato grosso, canário-do sul (Fig. 5)

Os machos possuem a cabeça com estrias escuras, e a cor alaranjada não ultrapassa a região orbital. O dorso é mais densamente estriados que *S. f. brasiliensis*. Ventre com coloração amarela em geral mais apagada, principalmente no pescoço. Asas e cauda semelhantes à forma anterior, mas com muito menos amarelo nas coberteiras das asas. Fêmeas com as estrias da cabeça e do dorso mais largas que na forma anterior. Região peitoral densamente estriada, podendo formar um colar. Poucas estrias na região ventral, e o crisso segue a mesma cor do do ventre (esbranquiçado).

Distribuição: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

Sicalis luteola luteola - (Fig. 7)

Machos com a cabeça e dorso bastante estriados. A borda das penas dorsais é levemente amarelada. Ventre e crisso amarelos, sendo oliva na região peitoral. A região do uropígio é amarelo citrino. Asas e cauda marrom escuras, com a borda das penas esbranquiçadas. Fêmeas com o dorso muito estriado, garganta esbranquiçada, uropígio amarelado. Ventre e crisso amarelo pálido.

Distribuição: Roraima. Também ocorre nas Guianas, Suriname, Venezuela e Colômbia.

Sicalis luteola flavissima

Semelhante a *S. l. luteola*. Machos com os lados da cabeça amarelo oliva. O dorso é estriado. Região do uropígio mais amarelada do que em *S. l. luteola*. Ventre amarelado com as bordas da região do peito amarelo oliva. Asas levemente mais longas do que as de *S. l. luteola*. Fêmeas com a região da garganta amarelada.

Distribuição: Pará e Amapá. Também na Guiana Francesa

Sicalis luteola chapmani

Semelhante a *S. l. flavissima*. Machos com dorso amarelo esverdeado com estrias pouco conspícuas. Ventre amarelo citrino brilhante sem tons de oliva na região do peito. Fêmeas não conhecidas na literatura.

Distribuição: Pará

Sicalis luteola luteiventris - canário-tipio, tipio (Fig. 8)

Machos muito estriados no dorso, região do uropígio amarelada, amarelo muito discreto na cabeça. Loros amarelos. Asa e cauda como em *S. l. luteola*. Região peitoral acinzentada, separando a garganta e o ventre, que são amarelo pálidos. Possui uma estria de cor cinza na região malar. Fêmeas com o uropígio um pouco mais claro, cabeça e dorso muito estriados. Coloração amarela no loro. Também possui estria malar e a faixa cinzenta do peito é menos definida.

Distribuição: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também no Peru, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Nota: Sibley e Monroe (1990) consideram esta forma como espécie à parte e não como raça de *Sicalis luteola*.

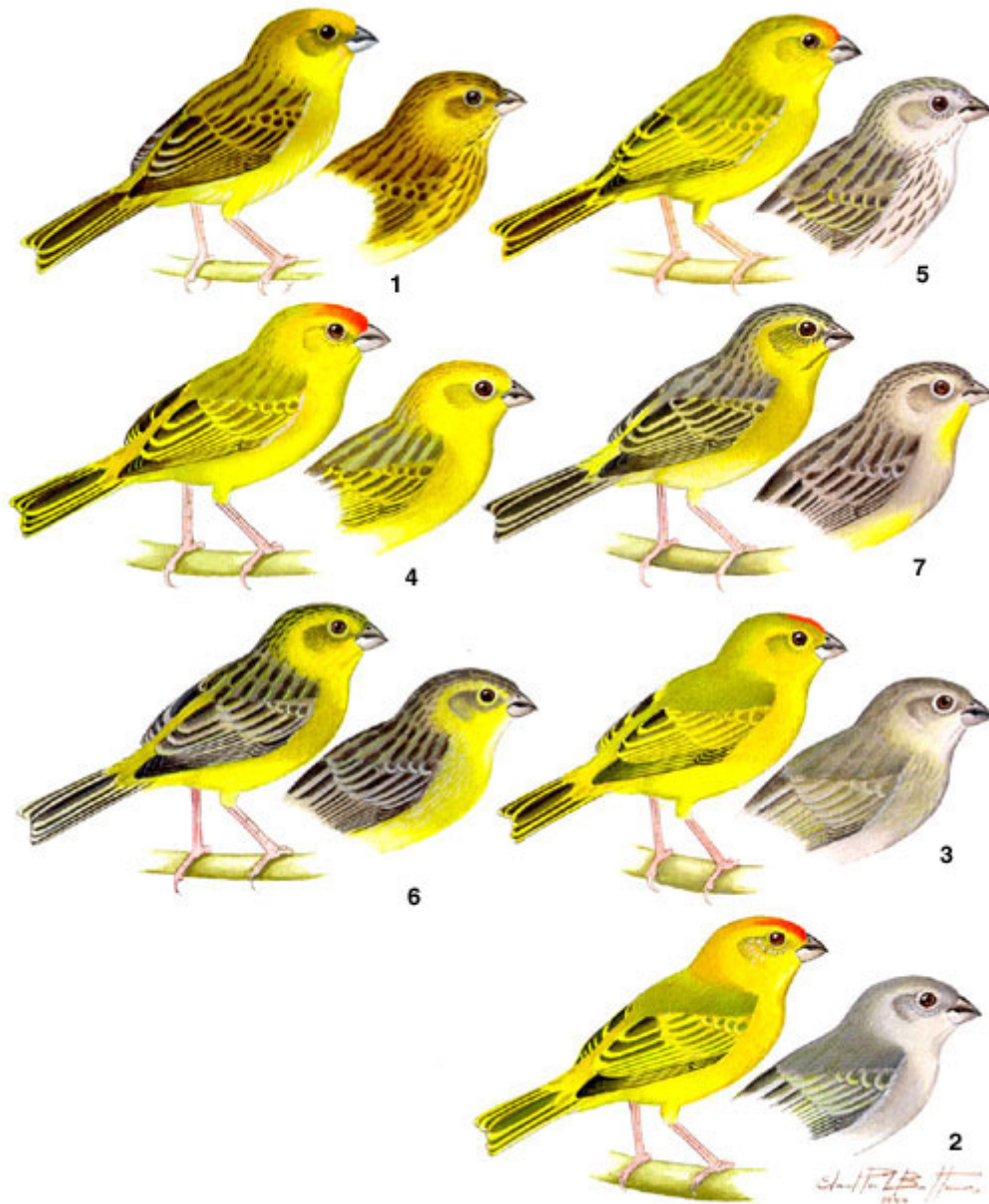
Agradecimentos

Somos especialmente gratos à Ênio e Paulo Flecha pelas informações, críticas e sugestões feitas neste texto. A grande experiência acumulada pelos Flecha durante os muitos anos dedicados ao manejo e a

reprodução em cativeiro de aves nacionais, sobretudo os fringílídeos, serve de referência para outros criadores que se interessam pelo mesmo tema. Hélio Camargo e Fernando Horta (MZUSP) gentilmente nos auxiliaram durante os nossos trabalhos no museu. Eduardo P. Brettas pintou as aves com a costumeira competência demonstrada em outros trabalhos. Pedro Salviano, pelo convite em escrever este pequeno texto e também a Lílíam P. Pinto, pelas correções, sugestões e revisão final do manuscrito.

Material utilizado para a realização dos desenhos:

Sicalis luteola flavissima e *Sicalis luteola chapmani* não foram desenhados devido à falta de material para ilustração.



Sicalis citrina citrina (Fig. 1)

M-42938, Castro, PR

F-29060, Chapada dos Guimarães, MT

Sicalis columbiana goeldi (Fig. 2)

M-43145, Jamundá, AM

F-47470, Fordlândia, PA

Sicalis columbiana leopoldinae (Fig. 3)

M-42620, Conceição do Araguaia, PA

F-42626, Conceição do Araguaia, PA

Sicalis flaveola brasiliensis (Fig. 4)

M-28936, Amparo, SP

F-27245, Bocaina, SP

F-18618, Tapera, PE

Sicalis flaveola pelzeni (Fig. 5)

M-38859, Farroupilha, RS

F-9021, Uruguaiana, RS

Sicalis luteola luteola (Fig. 6)

M-73468, Boa Vista, RR

F-73467, Boa Vista, RR

Sicalis luteola luteiventris (Fig. 7)

M-6510, Ipiranga, SP

F-52057, Goiânia, GO

Referências bibliográficas

Hellmayr, C. E. 1927. Catalogue of birds of Americas (XV) *Publ. Field Mus. Nat. Hist. (zool.)* 13 (15): 1-517.

- Howard, R.; Moore, A. 1994. *A complete checklist of the birds of the world*. 2 ed. London, Academic Press. 630 p.
- Meyer de Schauensee, R. 1970. *A guide to the birds of South America*. Narberth: Livingston. 498 p.
- Pinto, O. M. de O. 1944. *Catálogo das aves do Brasil (2ª parte)*. São Paulo: Departamento de Zoologia. 700 p.
- Ridgely, R. S.; Tudor, G. 1989. *The birds of South America: The Oscine passerines*. V. 1. Austin: University of Texas press. 516 p.
- Sibley, C. G.; Monroe Jr., B. L. 1990. *Distribution and taxonomy of the birds of the world*. New Haven, Yale Univ. Press. 1111 p.
- Sick, H. 1997. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 862 p.

Luís Fábio Silveira e Andrés Calonge Méndez

Pós-graduação em Zoologia, Departamento de Zoologia

Universidade de São Paulo, São Paulo

Rua do Matão, Travessa 14, nº 321

Cidade Universitária

São Paulo, SP

Cep-05508-900

Tel- (011) 3091-75-75

e.mail: lfsilvei@usp.br e acmzoo@usp.br